

# EVOLUÇÃO



## I PEQUENO SEMINÁRIO

ARTE/EDUCAÇÃO COMPROMETIDA NA DIPED  
CAPELA DO SOCORRO



Coordenaram esta edição: Manuel Francisco Neto / Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco / Vilma Maria da Silva

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.62>

**Editor Responsável:** Antônio Raimundo Pereira Medrado  
**Editor correspondente (ANGOLA):** Manuel Francisco Neto

**Coordenação editorial:**

Ana Paula de Lima  
Andreia Fernandes de Souza  
Antônio Raimundo Pereira Medrado  
Isac dos Santos Pereira  
José Wilton dos Santos  
Vilma Maria da Silva

**Coordenação editorial (Angola):**

Manuel Francisco Neto  
Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

**Com. de Avaliação e Leitura:**

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins  
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt  
Profa. Esp. Ana Paula de Lima  
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza  
Profa. Bianca de Assis Pirahy  
Profa. Dra. Denise Mak  
Prof. Me. Edson da Conceição Graça (Angola)  
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira  
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto (Angola)  
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco (Angola)  
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza  
Prof. Me. Tavares dos Santos Muhongo (Angola)  
Profa. Dra. Thais Thomaz Bovo  
Prof. Me. Wilder Dala Quinjangó (Angola)

**Bibliotecária:**

Patrícia Martins da Silva Rede

**Colunistas:**

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins  
Profa. Bianca de Assis Pirahy  
Prof. Dr. Isac Chateauf  
Jornalista João Domingos Terin (William Terin)  
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva  
Prof. Me. José Wilton dos Santos  
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza

**Web-edição:**

T.I Lee Anthony Medrado

**Contatos**

Tel. 55(11) 99543-5703  
Whatsapp: 55(11) 99543-5703  
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)  
netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)  
<https://primeiraevolucao.com.br>

**Imagens, fotos, vetores etc:**

<https://publicdomainvectors.org/>  
<https://pixabay.com>  
<https://www.pngwing.com>  
<https://br.freepik.com>

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 6, n. 62 (dez. 2025). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2025. 210 p. : il. color

**Bibliografia**

Publicação contínua desde 2020.

Bimestral

e-ISSN 2675-2573

Disponível apenas online.

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.62

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

Em parceria com:



São Paulo | 2025

Publicada no Brasil por:

Livro Alternativo  
[www.livroalternativo.com.br](http://www.livroalternativo.com.br)  
CNPJ: 28.657.494/0001-09

## 05 EDITORIAL

Antonio R P Medrado

## 06 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac Chateaneuf

## 07 ESPECIAL

I PEQUENO SEMINÁRIO - Práticas para uma Arte/Educação Colaborativa

DIPED - Capela do Socorro

## 12 POIESIS

J. Wilton



## ARTIGOS

1. A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E OS DESAFIOS DA DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	17
<i>Adriana Pereira Santos da Silva</i>	
2. CUIDAR E EDUCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PERSPECTIVA INTEGRADA PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA	24
<i>Adriana Silva de Santana Barros</i>	
3. ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ENTRE O BRINCAR E O PENSAR	30
<i>Amanda Zuza dos Anjos</i>	
4. A ESCOLA NA COMUNIDADE: CAMINHOS PARA ENFRENTAR OS INÚMEROS DESAFIOS	41
<i>Ana Maria Dainauskas Soares</i>	
5. PLANO DE ACÇÃO PARA FORTALECER A INTEGRAÇÃO ENTRE ÁREAS DA GESTÃO ESTRATÉGICA PARA MELHORIA DO ENSINO NO INSTITUTO SUPERIOR INTERNACIONAL DE ANGOLA	48
<i>Ana Maria Mbuilo Pambu</i>	
6. AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO NA PROGRESSÃO DE CARREIRA PROFISSIONAL: CASO DE ESTUDO DOS PROFESSORES DO MUNICÍPIO DE LUCALA NO CUANZA NORTE	56
<i>Beatriz Mena Kanga Marques</i>	
7. A RELEVÂNCIA DA GESTÃO ESTRATÉGICA PARA GARANTIA DA COMPETIVIDADE DAS EMPRESAS PÚBLICAS ANGOLANAS (CASO DA EDIÇÕES NOVEMBRO-E.P.)	62
<i>Bernarda Domingos Martins</i>	
8. BRINCAR LIVRE NA PRIMEIRA INFÂNCIA: A ABORDAGEM DE EMMI PIKLER PARA AUTONOMIA E PROTAGONISMO INFANTIL	68
<i>Cícera da Silva Ramos</i>	
9. IMPLICAÇÕES DIDÁTICAS: QUESTÕES SOBRE A ALFABETIZAÇÃO DOS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIAS	74
<i>Cláudia Regina Mistreli</i>	
10. UMA REFLEXÃO BIBLIOGRÁFICA: A PROBLEMÁTICA DO ANALFABETISMO CIENTÍFICO EM ANGOLA	82
<i>Edson da Conceição Graça</i>	
11. MOTIVAÇÃO LABORAL COMO FACTOR DE PRODUTIVIDADE DOCENTE NO INSTITUTO TÉCNICO PRIVADO MARCIVAL	89
<i>Felisberto da Cruz Félix</i>	
12. MODALIDADES DE ENSINO SUPERIOR EM ANGOLA: UMA PERSPECTIVA ENTRE O IDEAL E O REAL	96
<i>Fortuna Neto Figueiredo Vitangui</i>	
13. EXPRESSÃO, CRIATIVIDADE E DESENVOLVIMENTO INTEGRAL NA PRIMEIRA INFÂNCIA	110
<i>Ingrid da Silva Cavalcante de Paula</i>	
14. EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES	117
<i>Joice de Andrade Silva</i>	
15. MINI HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A FOTOGRAFIA E A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA COMO INSTRUMENTOS DE NARRATIVA E APRENDIZAGEM	124
<i>Leandro de Almeida Oliveira</i>	
16. PROTAGONISMO, INTERAÇÕES E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO À LUZ DA BNCC	131
<i>Luciane de Jesus Mineiro de Lima</i>	
17. POSSIBILIDADES E RESISTÊNCIAS NA IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA #TAMOJUNTO NA ZONA LESTE PAULISTANA: ENTRE TENSÕES E ENGAJAMENTOS	141
<i>Marcelo Cunha</i>	
18. INFÂNCIA, CULTURA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO INFANTIL HUMANIZADORA	156
<i>Maria de Lourdes Ferreira da Silva</i>	
19. O PARQUE COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO	163
<i>Orlaneide Ferreira Santos Diamante</i>	
20. O MOBILIÁRIO NA PEDAGOGIA MONTESSORI: CONTRIBUIÇÕES PARA A AUTONOMIA E DESENVOLVIMENTO INFANTIL	169
<i>Renata da Costa Braz</i>	
21. EDUCAÇÃO CIENTÍFICA NA PRIMEIRA INFÂNCIA: APRENDIZAGENS, EXPERIÊNCIAS E INTERAÇÕES	176
<i>Rosemeire Santos de Deus Lopes</i>	
22. UMA ANÁLISE SOBRE AS DIFICULDADES DOS ESTUDANTES DOS 8º ANOS DA ESCOLA ESTADUAL ANTÔNIO FLORENTINO COM AS AULAS REMOTAS	182
<i>Sidnei Aparecido da Costa</i>	
23. DIREITOS DO CONSUMIDOR NO ENSINO PARTICULAR EM ANGOLA – UM OLHAR JURÍDICO CONSTITUCIONAL	192
<i>Simão Vembo</i>	
24. CRIANÇAS MIGRANTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA	204
<i>Simone Gomes de Macêdo Miranda Silva Ferreira</i>	

**ESTA REVISTA É MANTIDA E FINANCIADA POR PROFESSORAS E PROFESSORES.  
SUA DISTRIBUIÇÃO É, E SEMPRE SERÁ, LIVRE E GRATUITA.**

A **REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial idealizado pela **Edições Livro Alternativo** com o objetivo de **empoderar e inspirar educadores** na jornada de compartilhar suas pesquisas, estudos, experiências e relatos de vivências.

**UM CORPO EDITORIAL DE EXCELÊNCIA:**

Nossa equipe conta com especialistas, mestres e doutores(as), todos com vasta experiência na rede pública de ensino, além de profissionais experientes nas áreas do livro e da tecnologia da informação. Essa expertise garante a qualidade e o rigor científico das publicações da revista.

**INDEPENDÊNCIA E AUTONOMIA:**

Um dos nossos diferenciais é a total independência, viabilizada pelo **financiamento colaborativo de professores e professoras**. Essa autonomia nos permite defender a liberdade de expressão e a diversidade de ideias, priorizando a qualidade dos conteúdos e o impacto positivo na educação.

**PROPÓSITOS QUE IMPULSIONAM A TRANSFORMAÇÃO:**

- **Promover o debate** crítico e reflexivo sobre os diversos aspectos da educação, com base nas vivências, pesquisas, estudos e experiências dos profissionais da área;
- **Proporcionar a publicação** de livros, artigos e ensaios que contribuam para o aprimoramento da educação e o desenvolvimento profissional dos educadores;
- **Apoiar a publicação** de obras de autores independentes, democratizando o acesso à informação e promovendo a diversidade de vozes;
- **Incentivar o uso de softwares livres** na produção de materiais didáticos e na difusão do conhecimento, promovendo a inclusão digital e a redução de custos;
- **Fomentar a produção de livros** por professores e autores independentes, reconhecendo e valorizando a experiência e o saber dos profissionais da educação;

**PRINCÍPIOS QUE GUIAM A NOSSA ATUAÇÃO:**

- **Priorizar trabalhos voltados para a educação**, cultura e produções independentes, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e democrática;
- **Utilizar exclusivamente softwares livres** na produção de livros, revistas e materiais de divulgação, promovendo a transparência, a colaboração e a acessibilidade;
- **Incentivar a produção de obras coletivas** por profissionais da educação, fomentando a colaboração e o compartilhamento de conhecimentos;
- **Publicar e divulgar livros de professores** e autores independentes, valorizando a diversidade de vozes e perspectivas na educação;
- **Respeitar a liberdade e autonomia** dos autores, garantindo a originalidade e a autenticidade das obras publicadas;
- **Combater o despotismo, o preconceito e a superstição**, defendendo os valores da democracia, da tolerância e do respeito à diversidade;
- **Promover a diversidade e a inclusão**, valorizando as diferentes culturas, identidades e experiências presentes na comunidade educacional.

A **REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é mais do que uma revista, é um movimento pela transformação da educação, um espaço para a colaboração, o aprendizado e a inovação.

**Junte-se a nós e faça parte da construção de um futuro mais promissor para a educação!**

**INSTITUIÇÕES PARCEIRAS**



Indexadores: \_\_\_\_\_



Filiada à:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



## IMPLICAÇÕES DIDÁTICAS: QUESTÕES SOBRE A ALFABETIZAÇÃO DOS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIAS

CLÁUDIA REGINA MISTRELI<sup>1</sup>

### RESUMO

A alfabetização é o processo de construção da leitura e da escrita fundamental para a participação social e para o desenvolvimento da reflexão crítica sobre si e sobre o meio que o cerca. A sem essas competências pode limitar o acesso à informação e à compreensão do mundo escrito, limitando as possibilidades de interação social e de exercício da cidadania. Embora seja pensada no contexto escolar, a alfabetização não se restringe às práticas desenvolvidas em sala de aula, pois envolve um conjunto de habilidades linguísticas e cognitivas que se constroem nas vivências e nas experiências com a cultura escrita. Esse processo requer a participação ativa do estudante, de modo a favorecer a motivação e o engajamento na aprendizagem da leitura e da escrita. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar as estratégias de ensino da alfabetização voltadas aos estudantes com deficiência, bem como as implicações didáticas que favorecem a participação, o engajamento e o sucesso no processo de aprendizagem.

**Palavras-chave:** Acessibilidade; Acolhimento; Inclusão; Práticas Pedagógicas.

### INTRODUÇÃO

Os processos cognitivos necessários para que uma pessoa, incluindo aquelas com deficiência, consiga ler e escrever são complexos por si só. Assim, o sistema de aprendizagem é formado pelas relações entre o sujeito, o objeto de aprendizagem e os instrumentos que se estabelecem para o aprendizado, bem como as estratégias didáticas necessárias para que a aprendizagem ocorra de forma satisfatória. É fundamental reconhecer e considerar as particularidades e necessidades individuais de todos os estudantes, assegurando o acesso a

recursos de acessibilidade que possibilitem que aprendam.

Dessa forma, é possível promover um ambiente educacional mais acessível e acolhedor, onde todos os estudantes, independentemente das habilidades e limitações, tenham a oportunidade de desenvolver o potencial plenamente

Portanto, os elementos impregnados de fatores culturais e históricos caracterizam as atividades de ensino e aprendizagem da leitura e escrita inicial, em um contexto formal, estruturado no ambiente escolar, segundo Chevallard (2009) é o local onde práticas

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Educação pela FICS (Facultad Interamericana de Ciencias Sociales). Graduada em Pedagogia pela Universidade Braz Cubas. Pós-graduada em Deficiência Intelectual pela UNESP e em Transtorno do Espectro Autista pela UNIPAR. Possui experiência no Atendimento Educacional Especializado, em acessibilidade, estratégias de acesso ao currículo, avaliação da aprendizagem e processos de aprendizagem. Atua como formadora docente, é organizadora e coautora de coletâneas de artigos e participou da Mobilidade Docente no Uruguai, com foco em Educação Inclusiva.

historicamente consolidadas têm sido objeto de mudanças e tensões devido a estudos e dados recentes relacionado a não aprendizagem.

É notável que a interação entre cultura, história e educação é intrínseca ao processo de alfabetização, uma vez que as tradições pedagógicas e as concepções sobre a aquisição da linguagem evoluem com o tempo (Luria, 1986). Essas mudanças e tensões, buscam aprimorar os métodos e abordagens de ensino, tornando-os mais efetivos e adequados às necessidades dos estudantes.

Nesse cenário, é essencial que professores, pesquisadores e formuladores de políticas educacionais trabalhem em conjunto para promover uma educação de qualidade, atualizada e inclusiva, que vise a construção de ambiente escolar mais enriquecedor no propósito de promover o desenvolvimento pleno das habilidades de leitura e escrita de todos, independentemente das origens e contextos sociais.

O desenvolvimento da leitura e escrita seja na criança ou no adulto, é um processo essencial e consiste em um dos pilares fundamentais da educação, pois possibilita o acesso a informações, a compreensão do mundo e a capacidade de se comunicar com outras pessoas, é um processo contínuo que se estende por toda a vida, permitindo o aprimoramento constante das habilidades de leitura e escrita. Por essa razão, a alfabetização é um tema de grande importância para a sociedade em geral.

Para tanto, rotas de aprendizagem e recursos de acessibilidade buscam atender às diferentes formas de aprendizagem dos estudantes, considerando as habilidades, conhecimentos prévios e ritmos de aprendizado.

No contexto da alfabetização, as rotas de aprendizagem permitem que cada criança desenvolva as habilidades de leitura e escrita de acordo com as particularidades, é possível oferecer um ensino mais personalizado e eficiente, que estimule o interesse e a participação de todos, e que esteja em sintonia

com as necessidades e desafios do mundo atual com aumento expressivo de estudantes com deficiências.

A didática é de extrema importância para o processo de alfabetização. A ação didática bem estruturada, cria um ambiente de aprendizagem estimulante e desafiador, que promove a motivação e a participação dos estudantes. De acordo com Chevallard (2009) além disso, a didática contribui para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, tais como a autoestima, a confiança e a resiliência, que são impulsionadoras do sucesso na vida escolar e além dela.

A didáticas privilegia a interação, a colaboração e a reflexão crítica, o desejo de aprender, modificando fatores que favorecem o desenvolvimento cognitivo e a construção de conhecimentos sólidos e duradouros, desempenha a função do guia iluminador na jornada educacional, proporciona aos aprendizes a oportunidade de romper as barreiras do desconhecimento e explorar novos horizontes do conhecimento.

Por meio de metodologias inovadoras e inclusivas, em consonância ao pensamento de Chevallard (2009) a didática possibilita que os indivíduos transcendam a simples reprodução de informações, conduzindo-os a uma reflexão crítica e ativa sobre a própria realidade e a função que desempenham na sociedade. Desse modo, ao nutrir a curiosidade, o pensamento crítico e a autonomia intelectual, como cita Chevallard (2009) a didática se torna um pilar na construção de práticas pedagógicas inclusivas.

## **ANÁLISE COMPARATIVA DOS MODELOS DE APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA AO LONGO DO TEMPO**

O processo de alfabetização na fase inicial da escolaridade está fortemente ligado às interpretações dos modelos elaborados pelas correntes teóricas clássicas da aprendizagem, que tentam explicar o processo de reconhecimento de palavras escritas das crianças.

Os modelos cognitivos e interacionistas que abordam a aquisição da leitura e da escrita propõem um processamento duplo, considerando tanto o aspecto instantâneo e sucessivo direcionado às pessoas, ocorrendo em tempo real, quanto o processamento direcionado aos objetos, que requer a estabilidade da imagem mental formada no pensamento, sendo essencial para o processo da aprendizagem. Essa abordagem reconhece a complexidade dos processos cognitivos envolvidos na alfabetização e permite que adotem práticas de ensino mais eficazes, personalizadas e enriquecedoras.

Em referência as imagens mentais, Portilho (2011) cita:

Esta aquisição fará que o indivíduo seja capaz de identificar objetos de aparência física muito diferentes, sempre que comportem as características essenciais da definição do conceito. (Portilho, 2011 p 31).

A capacidade da criança, incluindo aquelas com deficiência, de formar imagens mentais é capital para o processo de reconhecimento de palavras durante a interação com o meio, objetos e ações. Nesse percurso, é imprescindível assegurar a acessibilidade adequada, tanto física como cognitiva, para que a criança possa vivenciar estímulos que facilitem o reconhecimento dos elementos abstratos presentes na linguagem (Luria, 1986). Os modelos cognitivos e interacionistas reconhecem a importância dessa abordagem inclusiva, quando aplicados de forma descontextualizada as crianças, independente das capacidades, têm dificuldades participar ativamente do processo de aprendizagem e desenvolver habilidades linguísticas de forma plena e enriquecedora, exigindo intervenções e metodologias acessíveis.

Os modelos cognitivos e interacionistas apresentam perspectivas diferentes sobre a aprendizagem da leitura e da escrita. Enquanto o modelo cognitivo destaca a importância dos processos mentais e cognitivos individuais, o modelo interacionista enfatiza a interação social e a relação dos estudantes com o ambiente em que está inserido. No entanto, esses modelos

não são excludentes e podem se complementar, mas em contextos inclusivos, tais métodos exigem mediações específicas

No modelo cognitivo, o estudante é visto como um agente ativo e o professor como um mediador do processo de construção do conhecimento. O foco está na compreensão dos processos mentais e cognitivos que levam à aprendizagem da leitura e escrita, como atenção, a memória e o pensamento. Já no modelo interacionista, a aprendizagem ocorre a partir das relações sociais que estabelece com o ambiente em que está inserido. Segundo Luria (1986) a linguagem é vista como um instrumento fundamental para a interação e o desenvolvimento do pensamento, ou seja, na criação das imagens mentais.

A convergência entre esses modelos pode ser encontrada na ideia de que a aprendizagem da leitura e da escrita é um processo social e cognitivo, que envolve tanto a compreensão dos processos inteligentes e cognitivos como a interação social e a relação com o ambiente. Nesse sentido, é importante que a didática da alfabetização seja desenvolvida a partir de estratégias que possam integrar esses dois modelos, favorecendo o desenvolvimento dos processos cognitivos individuais, bem como a interação social e a relação com o ambiente no contexto inclusivo.

Com o passar dos anos a leitura e a escrita tiveram um longo processo de desenvolvimento desde as primeiras formas de escrita na antiguidade, houve um avanço significativo no acesso e na disseminação do conhecimento. De acordo com Aranha (2006) na década de 1970 a leitura e a escrita passaram a ter um papel central na vida das pessoas, tornando-se instrumentos para a comunicação e a expressão de ideias e pensamentos.

Até então, a história da leitura e da escrita ainda é marcada por processos de exclusão e marginalização, em relação ao público da Educação Especial. Durante muito tempo, o acesso à alfabetização foi restrito a poucos grupos privilegiados, perpetuando

desigualdades sociais. Atualmente, a alfabetização é reconhecida como um direito de todas as pessoas, embora enfrente-se desafios significativos em assegurar o acesso à educação de qualidade para aqueles que sofrem com o capacitismo e a segregação. Nesse sentido, segundo Brasil (2008) é essencial promover uma educação inclusiva e acessível, assegurando que crianças e adultos com deficiência tenham as mesmas oportunidades de desenvolver habilidades de leitura e escrita, e assim, contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária.

### **CAMINHOS PARA A INCLUSÃO: DIDÁTICA E MODELOS COGNITIVOS E INTERACIONISTAS NO ENSINO DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIAS**

Os modelos atuais de ensino preconizam a criança como participante ativa em na própria aprendizagem, na qual a aquisição do reconhecimento de palavras escritas ocorre principalmente em função do desenvolvimento de processos mentais. Do qual esses modelos tentam esclarecer os componentes cognitivos envolvidos no processo de reconhecimento de palavras escritas, bem como as estratégias que utilizam no momento de ler e como as desenvolvem durante os primeiros anos de educação formal.

Para Frade (2005)

Entendemos que os termos metodologias e/ou didáticas da alfabetização se referem a um conjunto amplo de decisões relacionadas ao como fazer. Para nós, decisões metodológicas sobre procedimentos de ensino são tomadas em função dos conteúdos de alfabetização que se quer ensinar e do conhecimento que o professor tem sobre os processos cognitivos dos alunos, quando estes tentam compreender o sistema alfabético e ortográfico da linguagem escrita e seu funcionamento social (Frade, 2005. p. 16)

Neste pensamento os modelos interacionistas destacam a interação entre a criança, os pares e adultos como meio de aprendizagem, onde o professor desempenha a função potencializadora. A alfabetização é

compreendida como um processo sociocultural que, além de ser adquirido socialmente, requer habilidades específicas, assim a interação verbal é considerada a base de todo o processo de aprendizagem, que contrastada a estudantes não verbal requer que a atuação do professor em sala de aula seja mediada por estratégias empregadas na interação verbal com a Comunicação Aumentativa Alternativa, uma das dimensões de acessibilidade para os estudantes com deficiência (Sasaki 2010).

Para Ferreiro (1985) modelos baseados em aspectos teóricos sustentam que as crianças descobrem e aprendem sobre palavras escritas por meio de tentativas pessoais de ler e escrever, sendo participantes ativos na própria aprendizagem, para o ECD será preciso o docente atuar com a acessibilidade para assegurar a participação: Braille, LIBRAS, tecnologia assistiva e pranchas de comunicação alternativa.

Nessa perspectiva, a psicogênese da linguagem escrita, conforme apresentada por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985), sustenta que as crianças, incluindo aquelas com deficiências, constroem hipóteses sobre o significado da escrita durante o processo de alfabetização. No entanto, muitas vezes, as crianças com deficiências não têm oportunidades para passar por esse processo devido ao diagnóstico, segundo Mantoan (2003), o que acarreta privações de desenvolvimento.

Nesse contexto a criança, na interação com o outro, tem a possibilidade de expor as ideias, contrapor o pensamento, modificar as hipóteses até atingir um nível convencional de escrita, mas a interação para a criança com deficiência converge em planejamento de uso de recursos de acessibilidade.

Tendo em vista que segundo Weisz (2008) que a criança aprende sozinha ou que constrói o conhecimento apenas por estar cercada por um mundo alfabetizado, sendo o professor apenas um intervencionista do processo, em razão que de que aprendem nas interações com outras pessoas que já possuem

conhecimento sobre leitura. Portanto, o professor e a acessibilidade adequada para os ECD são inevitáveis para o trabalho a ser desenvolvido.

A partir do princípio integrativo de ambos os modelos teóricos, nos quais o conhecimento é construído pela criança em situações de interação e estratégias didáticas que auxiliem cada um dos estudantes, incluindo os com deficiência, a identificar as necessidades individuais de desenvolvimento. Com o enfoque na acessibilidade, segundo Sasaki (2010) o professor cria ambientes inclusivos e propicia intervenções coerentes com o momento da aprendizagem, facilitando assim o progresso do processo de alfabetização. É por meio de boas situações de aprendizagem e intervenções adequadas que o professor possibilite a cada estudante a oportunidade de avançar na jornada de alfabetização de forma efetiva e significativa.

## **IMPLICAÇÕES DIDÁTICAS NO ENSINO DE ALFABETIZAÇÃO**

É importante descrever a relação da didática com o método e proposta didática, evidenciando a estreita conexão entre o método e a teoria subjacente, permite esclarecer que muitas estratégias ainda encontram-se vinculadas a métodos clássicos, os quais estão profundamente enraizados em teorias específicas não atendendo as demandas da Educação Especial.

Posto que o termo "método" deriva das palavras gregas "meta" (para, através, além) e "odos" (caminho), ou seja, é definido como uma forma ordenada de dizer ou fazer algo, em consonância com a própria didática. Esse entendimento revela a importância de alinhar os métodos de ensino às teorias educacionais contemporâneas, possibilitando o desenvolvimento de estratégias eficazes e inovadoras, que promovam uma educação mais dinâmica e adequada às demandas do século XXI.

Se adicionarmos a esse termo o adjetivo didático (do grego, adequado ou adequado para o ensino), seria uma maneira de proceder para

fins didáticos. Segundo Ferreiro (1985) tradicionalmente, os métodos de alfabetização tinham de estabelecer uma sequência fixa e pré-estabelecida de etapas que tinham que ser necessariamente respeitadas, sob o pressuposto de que a criança não era capaz de organizar o conhecimento.

Em outras palavras a alfabetização, como a implementação do decreto nº 9.765, DE 11 de abril de 2019 Institui a Política Nacional de Alfabetização e em o capítulo I, disposições gerais cita:

Fica instituída a Política Nacional de Alfabetização, para combater o analfabetismo absoluto e o analfabetismo funcional, nas diferentes etapas e modalidades da educação básica e da educação não formal. para estimular a capacidade de conscientização fonológica, devido ao seu efeito lisonjeiro, está ganhando maior força como estratégia pedagógica. (Brasil, capítulo I, disposições, Art. 1º 2019).

O documento enfatiza a valiosa contribuição da ciência cognitiva no combate ao analfabetismo, especialmente para os sujeitos brasileiros que recebem pouca ou nenhuma orientação em leitura e escrita, incluindo as pessoas com deficiência.

Essa política tem como objetivo assegurar que, no futuro, a maioria da população seja capaz de assinar o próprio nome e compreender o que está lendo. A ciência cognitiva oferece fundamentos sólidos para a criação de abordagens educacionais mais eficazes e inclusivas, permitindo que todos os indivíduos tenham acesso a uma educação de qualidade, independentemente das condições e origens socioeconômicas. Com esse olhar voltado para o desenvolvimento pleno de habilidades de leitura e escrita, busca-se promover uma sociedade mais informada e capacitada, onde cada pessoa possa exercer a cidadania de forma mais ativa e consciente.

Segundo Comenius (2001) didática deve ser humanizada e para todos. Quando não se dispõe de estratégias adequada para essas habilidades básicas, muitas crianças acabam

ficando para trás e tendo dificuldades em acompanhar o currículo escolar.

Além disso, a didática deficiente pode afetar a motivação para aprender, podendo levá-los a desistir da escola ou a terem uma formação insuficiente. É fundamental, portanto, que os professores visem garantir que todos tenham acesso a estratégias que desenvolvam essas habilidades essenciais e possam desenvolver todo o potencial acadêmico e pessoal.

### ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA: IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE ALFABETIZAÇÃO DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA

A seguir, apresentam-se análises da interação entre professor e estudante no processo de ensino e aprendizagem, com ênfase nas estratégias didáticas de acessibilidade e no uso de recursos pedagógicos, com vistas a compreender de que modo essas práticas contribuem para a participação dos estudantes, e como as metodologias acessíveis favorecem a construção do conhecimento e ampliam as possibilidades de acesso ao currículo no contexto da alfabetização.

Modelo/Método	Análise
Métodos analíticos ou global ou a Palavra Geradora	A abordagem pedagógica analisada evidencia o processo de ensino se inicia pela apreensão global da palavra, seguida pela decomposição em unidades menores, com posterior recomposição do todo. Essa dinâmica favorece a construção de significados e contribui para a consolidação da aprendizagem, ao articular percepção, análise e síntese no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Observa-se, ainda, que as atividades propostas mantêm consonância com o currículo e com a faixa etária dos estudantes, o que revela uma intencionalidade didática voltada à adequação dos conteúdos às necessidades do grupo. O uso sistemático de recursos visuais configura-se como estratégia de acessibilidade pedagógica, ampliando as possibilidades de compreensão e participação dos estudantes no processo de alfabetização.
Métodos Sintéticos	A estratégia pedagógica analisada caracterizados pela apresentação sequencial e fragmentada do sistema de escrita, iniciando pelo ensino dos nomes das letras, seguido de hipótese, valor sonoro, combinação silábica e, posteriormente, da constituição das palavras. Esse tipo de abordagem privilegia a decodificação mecânica, como exemplificado pela segmentação da palavra <i>bolacha</i> em <i>bo-la-cha</i> , podendo limitar a construção do significado e o uso funcional da linguagem escrita. Do ponto de vista didático, tal fragmentação tende a distanciar a aprendizagem das práticas sociais da leitura e da escrita, o que pode comprometer a compreensão do estudante acerca da função comunicativa do texto, especialmente no caso de crianças com deficiências e dificuldades de aprendizagem, para as quais a mediação significativa e contextualizada é fundamental.
Método silábico	Este método que se espalhou no século XVIII, compreendendo várias séries de sílabas que poderiam ser lidas da direita para a esquerda e de cima para baixo, esse método combina sílabas sendo repetidas, o que facilitariam o aprendizado de sons vocálicos e consoantes.

Método silábico/ Método fonético ou fonico	O método o fônico, que no início do século XIX começou a ser considerado que o "som" é o ponto de partida para o ensino da leitura. Dessa forma, diferenciando o fonema da letra, a ortografia foi superada através do método alfabético. O método fonético começa com o som de vogais e, em seguida, consoantes são adicionadas. A estratégia evidencia uma intervenção pedagógica orientada para o desenvolvimento da consciência fonológica, ao priorizar questionamentos intencionais sobre o som das letras e a relação com a linguagem oral. O uso sistemático de perguntas mediadoras favorece a reflexão sobre os fonemas, contribuindo para a preparação dos estudantes para o processo de leitura. A adoção de recursos visuais como estratégia de acessibilidade pedagógica, aplicada a todo o grupo, configura-se como uma prática inclusiva, ao ampliar as possibilidades de compreensão e participação dos estudantes, além de favorecer aspectos socioemocionais, como a valorização da autoestima das crianças com deficiência. Essa abordagem demonstra coerência com princípios inclusivos ao integrar mediação cognitiva e acessibilidade, sem a segregação de estratégias específicas apenas para determinados estudantes.
Métodos analíticos	
Método geral	A abordagem fundamenta-se na motivação como variável central no processo de alfabetização, compreendida não apenas como estímulo externo, mas como elemento articulador entre decodificação e construção de sentido. As estratégias adotadas buscaram favorecer a internalização do sistema alfabético por meio da associação entre letras, sons e significados, evitando a dissociação entre leitura mecânica e compreensão. O uso de recursos visuais, ilustrações e jogos como mediação pedagógica potencializa o engajamento dos estudantes e favorece a aprendizagem. Observa-se, ainda, uma progressão didática intencional, que parte de associações mais simples, como a relação entre imagem e palavra e avança para o mais complexo, frases e trechos textuais. Essa organização contribui para a construção gradual do sentido da leitura, promovendo um ambiente de aprendizagem mais significativa do texto escrito, aspecto fundamental para o desenvolvimento de leitores competentes.
Método da palavra geradora	A palavra geradora por meio de músicas, como por exemplo, a canção "O sapo não lava o pé" envolve o uso de palavras ilustradas, que são lidas em voz alta pelo professor para que os estudantes possam repetir a leitura. Em seguida, a palavra é dividida em sílabas, que são utilizadas para construir novas palavras. Essa abordagem possibilita a criação de um recurso visual específico para atender às necessidades de crianças com autismo e deficiência intelectual. À medida que novas palavras foram incorporadas, novas letras foram apresentadas e, consequentemente, novas palavras foram geradas, proporcionando uma experiência que segundo Bruner (1973) é dinâmica e progressiva no processo de alfabetização para esses estudantes. O uso de recursos visuais, aliado à musicalidade da atividade, estimula a participação ativa e engajada de todos os estudantes, promovendo assim, uma aprendizagem mais significativa e inclusiva.
Proposta psicogenética ou psicogênese	As propostas compartilham um ponto em comum: partem do pressuposto da ignorância inicial do estudante, isto é, não consideram se já avançou por conta própria no processo de aprendizagem da alfabetização. Contudo, é relevante destacar que, por meio da pesquisa conduzida por Ferreiro e Teberosky ao longo dos anos 70, foram identificadas abordagens mais inclusivas que beneficiaram as crianças com deficiência. Um exemplo disso é o uso de recursos visuais, como o cartão com o alfabeto de associações, em que cada letra é relacionada a uma palavra correspondente (por exemplo, A de avião, B de bola, e assim sucessivamente até a letra Z). Esse enfoque possibilita que as crianças com deficiência se engajem de forma mais significativa no processo de alfabetização, proporcionando uma aprendizagem mais acessível e efetiva para esse grupo de estudantes. A incorporação de recursos visuais e estratégias inclusivas torna fundamental para promover um ambiente de aprendizado acolhedor, onde cada criança, independentemente das habilidades e desafios, pôde avançar no próprio ritmo, desenvolvendo as habilidades de leitura e escrita de maneira progressiva e enriquecedora.

De fato, a escolha do caminho da alfabetização é uma decisão crucial que pode ter um impacto significativo no processo de aprendizagem dos estudantes. Conhecer as bases teóricas, as propostas e estratégias são básicas para que o professor compreenda melhor como ensinar, considerando as características individuais dos aprendizes e o contexto em que estão inseridos.

É importante destacar a assertividade em acessibilizar as atividades e planejar aulas diversificadas, a fim de atender à unicidade de cada estudante. Cada proposta apresenta vantagens e limitações no contexto e no tempo, porém é essencial advertir a importância dos modelos cognitivo e interacionista no duplo processamento do aprendizado da leitura e escrita.

Portanto, o professor deve estar aberto a acessibilizar e buscar constantemente o aprimoramento frente ao processo de alfabetização, assegurando assim uma educação mais inclusiva e efetiva para todos os estudantes. Segundo Matoan (2003) ao abraçar a diversidade e a individualidade dos aprendizes, se dá a oportunidade de criar um ambiente de aprendizagem enriquecedor e estimulante, onde cada criança possa desenvolver plenamente as habilidades de leitura e escrita, encontrando o caminho mais adequado para o progresso educacional.

### **A ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO ATUAL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES E ESCRITORES COMPETENTES**

No contexto atual, há diversos desafios a serem enfrentados na alfabetização, como a diversidade cultural, o acesso à tecnologia, a inclusão social, a heterogeneidade das turmas e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais.

Porém, existem possibilidades e estratégias didáticas que podem contribuir para a formação de leitores e escritores competentes, como a interdisciplinaridade, a pedagogia de

projetos, a educação inclusiva e a utilização de materiais e recursos pedagógicos diversos.

Nesse sentido, é importante discutir os desafios e as possibilidades de alfabetização no contexto atual, visando a formação de cidadãos críticos, reflexivos e autônomos e as rotas mais utilizadas pelas crianças no conceber e internalizar as partes da palavra.

Segundo Morais (2012) todas estas estratégias desconsideram a complexidade de segmentar, subtrair ou adicionar as partes da palavra, ou seja, trabalhar as unidades menores (silabas, letras, fonemas). Assim descreve as diferenças e as semelhanças nas formas da criança aprender a ler e escrever:

O Método Fônico, também conhecido como Método Sintético ou Fonético, é um dos métodos de alfabetização mais utilizados atualmente, tem o objetivo de desenvolver a capacidade da criança de realizar operações que envolvem a manipulação intencional das unidades fonológicas que compreendem as palavras, permitindo que ela entenda a relação entre letras (grafemas) e sons (fonemas). Para isso, inicialmente são ensinadas as unidades mínimas de fala (fonemas-grafemas), seguidas de sílabas, palavras e frases. A aplicação desse método favorece o princípio alfabético e é fundamental para a formação de leitores e escritores competentes. (Morais, 2012).

Consequentemente, para que a criança entenda como o alfabeto representa a fala, são necessárias ações pedagógicas voltadas para a decomposição da estrutura sonora da mensagem linguística. Essa sequência de ações pedagógicas de conscientização auditiva sobre a estrutura da linguagem (consciência silábica e fonêmica), que não necessariamente envolvem a manipulação de letras, pode ser considerada antes do uso do método fônico, segundo Morais(2012) incorpora a manipulação de letras, a criança com deficiência a acessibilidade precisa estar presente, para que seja possível a aprendizagem.

As interações empíricas das crianças, tem relevância para a Consciência Fonológica seja

exercida na duração do processo de alfabetização, especialmente no estágio anterior e inicial de aprendizagem da leitura. Compreender e manipular as unidades sonoras da fala é um passo crucial para a criança desenvolver a correspondência entre grafemas e fonemas, sendo especialmente relevante para crianças com deficiência, o uso de acessibilidade adequada de acordo com o diagnóstico é fundamental para o processo de leitura. Nesse contexto, o ensino da leitura deve considerar e integrar atividades que desenvolvam a Consciência Fonológica. É imprescindível que os professores utilizem as estratégias acessíveis mais eficazes e atualizadas, a fim de formar leitores e escritores de forma significativa. Ao proporcionar uma educação inclusiva e acessível, para que todas as crianças tenham a oportunidade de se tornarem leitores proficientes e participantes ativos na sociedade.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou compreender a alfabetização como um processo complexo, que envolve dimensões cognitivas, linguísticas, sociais e didáticas, especialmente quando se trata do ensino de estudantes com deficiência. A análise das estratégias de alfabetização permitiu reconhecer que a aprendizagem da leitura e da escrita não se reduz à decodificação mecânica, mas requer práticas pedagógicas que articulem significado, participação ativa e acessibilidade.

Os referenciais teóricos demonstram que os modelos cognitivo e interacionista, quando integrados, contribuem para um duplo processamento da aprendizagem, favorecendo tanto a internalização das unidades sonoras da língua quanto a construção de sentido no uso social da linguagem escrita. Nesse contexto, a consciência fonológica se apresenta como um elemento fundamental para o desenvolvimento da leitura, desde que acompanhada de mediações didáticas intencionais e recursos de acessibilidade que considerem as particularidades dos estudantes com deficiência.

Destaca-se, ainda, o papel central do professor como mediador do processo de

alfabetização, responsável por planejar estratégias diversificadas, acessibilizar as atividades e criar ambientes de aprendizagem inclusivos.

Por fim, o estudo reforça a importância de alinhar a prática pedagógica às evidências teóricas e científicas, reconhecendo que a alfabetização inclusiva exige constante reflexão, formação continuada e compromisso com a equidade educacional. Ao investir em estratégias acessíveis e em propostas didáticas coerentes com os processos de aprendizagem, torna-se possível promover uma educação mais justa, inclusiva e significativa, assegurando o direito à leitura e à escrita como condição essencial para a participação social e o exercício da cidadania.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, M. L. A. História da educação e da pedagogia geral e do Brasil. 4 ed. São Paulo, Brasil: Moderna, 2021.

BRASIL. Decreto Legislativo nº 186, de 2008, aprova o texto da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e de seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova Iorque, em 30 de março de 2007 Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Congresso/Dlg/Dlg-186-2008.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Congresso/Dlg/Dlg-186-2008.htm) Acesso em: 20 fev. 2025.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização.

\_\_\_\_\_. PNA - Política Nacional de Alfabetização/ Secretaria de Alfabetização. – Brasília: MEC, SEALF, 2019.

BRUNER, J. S.; OLSON, D. R. Aprendizaje por experiencia directa y por experiencia mediatizada. Revista Perspectivas, 1973.

CHEVALLARD, Y. La Transposición Didáctica: del saber sabido al saber enseñado. Buenos Aires, Argentina: Aique, 2009.

FRADE, I. C. A. da S. Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores: caderno do professor / Isabel Cristina Alves da Silva Frade. - Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

COMENIUS, J. A. Didática Magna. Tradução e Notas de Joaquim Ferreira Gomes - São Paulo, Brasil: Fundação Calouste Gulbenkian: 2001.

LURIA, A.R. Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria, tradução Sérgio Spritzer. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

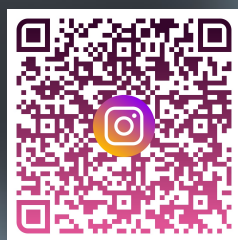
MANTOAN, M. T. E. Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo, Brasil: Moderna, 2003.

MORAIS, A. G. de. Sistema de Escrita alfabética/ Artur Gomes de Moraes. Editora Melhoramentos, (como eu ensino) – São Paulo: 2012.

Portilho, E. (2011). Como se aprende? Estratégias, estilo e metacognição. Wak Editora.



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.62>



### COORDENAÇÃO:

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto  
 Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco  
 Profa. Esp. Vilma Maria da Silva

### AUTORES(AS):

Adriana Pereira Santos da Silva  
 Adriana Silva de Santana Barros  
 Amanda Zuza dos Anjos  
 Ana Maria Dainauskas Soares  
 Ana Maria Mbuilo Pambu  
 Beatriz Mena Kanga Marques  
 Bernarda Domingos Martins  
 Cícera da Silva Ramos  
 Cláudia Regina Mistreli  
 Edson da Conceição Graça  
 Felisberto da Cruz Félix  
 Fortuna Neto Figueiredo Vitangui  
 Ingrid da Silva Cavalcante de Paula  
 Joice de Andrade Silva  
 Leandro de Almeida Oliveira  
 Luciane de Jesus Mineiro de Lima  
 Marcelo Cunha  
 Maria de Lourdes Ferreira da Silva  
 Orlaneide Ferreira Santos Diamante  
 Renata da Costa Brás  
 Rosemeire Santos de Deus Lopes  
 Sidnei Aparecido da Costa  
 Simão Vembo  
 Simone Gomes de Macêdo Miranda Silva Ferreira

Indexadores:



Filiada à:



Parceiros:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres

